

STEVE JOBS:
o fundador da Apple
precisou se afastar
pela terceira vez do dia
a dia da empresa. Todo
produto e toda
estratégia de
marketing precisam
passar por seu
exigente crivo



A Apple à sombra de Jobs

Falta de um plano claro
de sucessão e comunicados
lacônicos sobre a saúde
de seu fundador colocam
em dúvida o futuro da
empresa de tecnologia
mais valiosa do mundo

Carlos Eduardo VALIM



TIM COOK:

o executivo-chefe de operações
assume pela terceira vez o comando
da Apple e se consolida como
favorito à sucessão

mestre fiscal de 2010, que registrou um lucro de US\$ 6 bilhões, um crescimento de 78% sobre o mesmo período do ano anterior.

O afastamento do visionário fundador da Apple colocou em discussão a importância da divulgação ao mercado de um plano de sucessão claro por parte de empresas com a imagem muito ligada a um alto executivo ou fundador. Esse é o caso da Apple. Jobs é considerado um mago da inovação. Os principais produtos da companhia que ele fundou em uma garagem na pequena cidade americana de Cupertino, no Estado da Califórnia, em 1976, têm o seu toque mágico: do computador Macintosh, ao tocador de música digital iPod, o telefone celular iPhone e o tablet iPad, sua mais recente criação. Tudo passa pelo seu crivo. Diante do seu afastamento, sem uma data precisa para o

retorno, o mercado se pergunta: qual é o futuro da Apple? "**Algumas marcas criam uma simbiose tão grande com um executivo ou com o fundador que surge a dúvida de que possam evoluir sem ela**", afirma **Júlio Moreira, sócio da consultoria de marcas TopBrands.**

Lembrar que todos estaremos mortos logo foi a melhor ferramenta que encontrei para me ajudar a fazer as grandes escolhas da vida", disse Steve Jobs, o fundador da Apple, a empresa de tecnologia mais valiosa do mundo, em discurso aos formandos da Universidade Stanford, em 2005. Cerca de um ano antes, ele havia descoberto ter contraído um câncer no pân-

creas. Mas, apesar de inevitável, a perspectiva de que Jobs, o filho adotado de uma família californiana, morra algum dia traz dissabor aos investidores da Apple. Na segunda-feira 17, esse temor voltou a ser uma sombra incômoda a pairar sobre a fabricante americana de computadores, telefones móveis e entretenimento digital. Em um comunicado dirigido aos funcionários da Apple, Jobs informou que entraria em sua

terceira licença médica desde 2004. O texto não especificava uma data para sua volta à gestão da empresa ou a gravidade do problema de saúde, limitando-se a pedir respeito à sua privacidade e à de sua família. Foi o suficiente para que as ações da Apple sentissem o golpe, ainda

que de forma menos dramática do que o previsto por muitos analistas. Na terça-feira 18, elas chegaram a cair 6,5% na Nasdaq, bolsa eletrônica dos EUA, mas fecharam o pregão em uma queda de 2,3%. Contribuiu para deter a queda, a divulgação dos resultados do último tri-

NEGÓCIOS

“Gosto da característica humana disso, mas o problema é o dia seguinte.”

Por esse motivo, não é de se estranhar que, no texto em que informa sobre sua licença médica, Jobs diz que mantém o cargo de CEO da Apple, afirmando textualmente que vai continuar “envolvido nas principais decisões estratégicas da companhia”. Durante seu afastamento, quem vai comandar o dia a dia da Apple é o executivo-chefe de operações, Tim Cook, que já assumiu o leme nas duas vezes em que Jobs se afastou anteriormente. “Cook é um executivo capaz, que pode lidar com a pressão”, diz um relatório do banco de investimento Barclays, divulgado na semana passada. “Ele sabe conduzir os trabalhos internos da Apple à sombra de Steve.” No entanto, Cook está longe de ter o carisma e a liderança de Jobs. Um olhar para o passado da Apple, pode explicar os temores dos investidores.

Na metade da década de 1980, Jobs fora afastado da empresa que ajudou a fundar, derrotado na luta pelo poder com o executivo John Sculley, que recrutara na Pepsico para dirigir a Apple. Ele retornou à companhia em 1997. Nesse ano, a Apple estava à beira da falência. Seus produtos não tinham mais a aura de inovação, nem o design sofisticado. A ação de Jobs foi decisiva para retirar a Apple do abismo. Ele cortou custos, eliminou linhas de produtos e voltou a criar objetos cobiçados e desejados pelos consumidores. Um

exemplo disso foi o lançamento do iMac, computador que marca o ressurgimento da companhia em 1998. Depois disso, vieram o iPod (2001), iPhone (2007) e o iPad (2009), produtos que colocaram a Apple na vanguarda do setor de tecnologia. O resultado pode ser medido pela valorização das ações da empresa. Em 19 de janeiro de 2001, elas valiam US\$ 9,75. Na quarta-feira 18, US\$ 340,65. Com esse aumento astronômico, a Apple ultrapassou a Microsoft, de Bill Gates, em valor de mercado. **Atualmente, é a segunda companhia mais valiosa do mundo, atrás apenas da petrolífera Exxon Mobil, cujo valor de mercado é de US\$ 392,5 bilhões.**

Embora seja o grande artífice da estratégia que levou a Apple a deixar na poeira a Microsoft, Jobs tem muito a aprender com Bill Gates, quando se trata de transição na

MEGAESTRELAS PASSAM O BASTÃO

Algumas trocas de comando foram suaves, outras causaram preocupação no mercado

BEM-SUCEDIDAS



BILL GATES

passou a chefia da Microsoft em julho de 2008 para Steve Ballmer para se dedicar à filantropia

FRACASSADAS



MICHAEL DELL

precisou voltar ao dia a dia da Dell em 2007, após ter deixado o comando por três atribulados anos nas mãos de Kevin Rollins

gestão (*leia quadro ao lado*). Nos últimos anos, Gates pôde se dedicar em tempo integral à filantropia, porque soube preparar um Steve Ballmer para sucedê-lo. A Apple, é certo, sinalizou ao mercado que possui um plano de sucessão, mas que não tem interesse em detalhá-lo, o que só faz aumentar as especulações. “Os planos de sucessão devem ser comunicados, com sua política e estrutura, mas sem entregar o mapa da mina”, diz o presidente do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), Gilberto Mifano. Um dos motivos para o segredo quanto ao real estado de saúde de Jobs, e dos planos de sucessão, é o temor de avanços da concorrência. O próprio Cook teria sido sondado pelas fabricantes Motorola e Dell para deixar a Apple. Outra

razão seria o receio de Jobs em criar sucessores fortes, após o trauma de ter sido demitido da empresa que fundou por Sculley. “O sucesso da transição se traduzirá na capacidade de a Apple continuar entregando inovações”, diz a diretora da área de estratégias da Interbrands, Daniella Bianchi. Nas vezes anteriores em que Jobs saiu por motivos de saúde, o susto inicial no mercado foi seguido por mais crescimento do valor das ações. A dúvida é se isso continuará acontecendo com a ausência definitiva de Jobs do desenvolvimento dos desejados produtos com a marca da maçã.

EFEITO JOBS

Os três afastamentos do fundador causaram impactos momentâneos



Fonte: Nasdaq